

Sobre futebol e ética

05/06/2014

Maria Clara Bingemer

professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

A proximidade da abertura da Copa do Mundo, primeira realizada no Brasil em muitos anos, nos traz de volta à memória figuras ilustres que não só defenderam o Brasil com suas chuteiras, como também pensaram o futebol com inteligência criando expressões que marcaram a vida nacional.

Talvez entre os mais notáveis se encontre o grande dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues. Suas personagens futebolísticas ficarão para sempre no imaginário brasileiro, marcando época e configurando o esporte como verdadeira e maior paixão nacional.

Foi Nelson Rodrigues quem cunhou uma frase da maior pertinência a respeito do futebol e da personalidade do brasileiro em geral. Disse que temos complexo de cachorro vira-lata. E nada é mais verdadeiro. Temos baixa auto-estima, nos comparamos sempre aos estrangeiros como sendo melhores que nós. E apesar deste complexo inferiorizante também se estender ao futebol - Nelson foi um dos que melhor comentaram o derrotismo que cercou a Copa de 70 entre outras - é inegável nossa competência no campo e muito mais numerosas as vitórias que as derrotas.

Eis que, neste tempo pré-Copa já tão tumultuado, sofrido e cheio de tamanhas frustrações, a diretora do comitê organizador local do mundial de futebol (COL), Joana Havelange, neta do famoso João Havelange - ex- presidente da FIFA - declara em rede social que "o que tinha que ser gasto, roubado, já foi", aludindo à etapa pré-competição.

Incrédulos, lemos e releemos a frase da bonita e normalmente reservada Joana, não acreditando totalmente em nossos olhos. Pois, então, a autoridade do COL admite que houve roubalheira, desonestidade, ganância descontrolada na preparação para a Copa? O que pensar depois disso?

Joana certamente desejava fundamentar seu desejo de que a Copa aconteça e que as manifestações contra ela não cheguem a perturbar a ponto de impedi-la de acontecer. Até aí dá para entender. Mas o fato de a falcatrua, o desvio de verbas, a aplicação irresponsável de dinheiro, que escandaliza tantos estrangeiros e também brasileiros, já haver sido consumada, será motivo para dar de ombros e deixar para lá?

A declaração de Joana Havelange traz, a meu ver, um elemento importante para o estatuto do futebol hoje. Houve um tempo em que era um esporte. Todos ficavam pendentes do talento de atletas que eram artistas da bola e tinham para isso apenas suas pernas e seu preparo, além de sua genialidade. Assim vimos os dribles de Garrincha, os gols de bicicleta de Pelé, enfim as maravilhas que marcaram o futebol brasileiro.

Hoje, porém, futebol virou negócio, com altas somas de dinheiro circulando para comprar passes de jogadores, com a mídia noticiando não apenas o desempenho esportivo dos mesmos, mas sim e sobretudo suas relações afetivas, suas saídas noturnas, algumas com desfecho trágico.

O fato de o Brasil ser sede desta Copa do Mundo traz ainda outro elemento que torna o quadro mais complexo: em um país com tantas necessidades e

desigualdade, gastar milhares de reais construindo estádios - alguns, não todos - inúteis e que permanecerão subutilizados após o evento choca o mundo.

Esta é a realidade que vivemos, precisamos reconhecer corajosa e honestamente, e procurar corrigir rumos. As manifestações tentam chamar a atenção e protestar contra esse estado de coisas, recusando-se a aceitá-lo com resignação.

Em suma, trata-se de uma discussão ética e não esportiva. É a ética (ou a falta dela) que foi desmascarada pela declaração de Joana Havelange. Não se trata, a esta altura, de suspender a Copa. Não há mais jeito. Dentro de uma semana ou menos, ela acontecerá. E sim de aproveitar o momento e as críticas, para reconhecer falhas, mudar orientações e reescalonar prioridades no futuro.

Não será o fim do mundo se o Brasil perder, apesar de toda a paixão da torcida. Nem será uma calamidade se a mídia internacional fizer duras críticas ao evento e à preparação deficiente para receber os turistas estrangeiros. Não, a solução certamente não é estimular o complexo de cachorro vira-lata que já nos atrapalha bastante a vida.

Mas certamente é o momento para crescer em lucidez e compromisso ético, desejando e lutando efetivamente para que o Brasil não seja apenas o país do futebol, mas o país da educação de qualidade para todos, da saúde de bom nível para uma população que não pode continuar morrendo à porta dos hospitais sem ser atendida. A atitude fatalista diante de graves erros cometidos certamente não ajuda em nada o país.